

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Monarquia e República Quem manda? “O Conquistador,,

Segundo é público, e consta da nota oficiosa do comando da 1.ª Região Militar, os monárquicos andam a conspirar, certamente, para nos impingirem um Bragança que abra sobre este infeliz povo a régia cornucópia das graças. Como parece haver monárquicos esquecidos, nós vamos lembrar-lhes quem foram os Braganças, quais as suas virtudes, os favores que portugal lhes deve. Ora vejamos: D. João IV, discípulo de jesuítas e seu joguete — acrescenta Oliveira Martins — “foi sentado à força no trono, cheio de medo, apavorado.” D. Afonso VI, “espécie de Rei Lear, doido e mau, de carácter imundo, inclinações vis, gostos obscenos.”

O patriota D. Pedro II, afirmava que “preferia perder o trono a perder a amizade de Inglaterra.” D. João V, beato, devasso, perdulário e corrupto, preocupou-se em construir conventos que transformou em serralhos, tendo em cada um, por amante, uma freira. D. José foi uma nulidade completa; de facto, quem governou no seu reinado foi o grande Marquês de Pombal. A seguir tivemos a louca Maria I, instrumento dos jesuítas, cheia de ódio. De D. João VI, nem se devia falar, tão avariada é a sua moral, tão vergonhoso o seu reinado. Casado com uma princesa — “megera devassa e horrenda,” — é ainda João VI o herói da fuga noturna para o Brasil, no momento em que o solo português era invadido por estrangeiros. D. Maria II, inimiga da Liberdade, de uma insuportável tirania, não hesitou em fazer invadir a nação por um exército espanhol. D. Pedro V, passou como uma nuvem. D. Luís, inútil e bonacheirão, não tem no seu reinado um facto notável, antes pelo contrário. O que foi o governo de D. Carlos está ainda na memória de todos nós, e se fosse necessário ir buscar depoimentos insuspeitos, bastava transcrever colunas e colunas de prosa dos jornais monárquicos, onde lhe foram dirigidos os insultos mais soezes, os epítetos mais vis. Forçoso é acrescentar, que D. Carlos, pelos seus actos e pelo seu porte, deu sempre aso a essas campanhas. Já em 1895, quando da sua viagem a Paris, dizia o “Correio da Noite,”:

O “jeune roi,, continua em Pa-

ris em festas, noites de teatro, metade distraídas no camarote presidencial, metade nos camarins das atrizes e nos “boudoirs,, das bailarinas.” Como se vê, começou bem o seu reinado e assim continuou sempre.

Finalmente temos D. Manuel II, espécie de Filipe II, fanatisado, carola, tímido, dirigido por sotainas e pelo ódio de sua mãe. Melhor do que nós falamos a respeito do herói da Ericeira os integralistas.

Resta-nos, então, o sr. D. Nuno, que acaba de empunhar o scétro em família e por isso é oportuno lembrar aqui o que Pinheiro Chagas escreveu a propósito do miguelismo:

“... Durante o governo de D. Miguel, Lisboa estava subjugada por uma matilha de salteadores e assassinos, em número de 3.000, a quem se dava o nome de policia, por mil e quinhentos realistas, verdadeiros facinoras... Não havia segurança pessoal, nem de propriedade.”

E' lícito perguntar, então, o que fizeram os Braganças a favor de Portugal. Nada, absolutamente nada! Zelavam sempre os interesses dos estrangeiros.

Os depoimentos de Pinheiro Chagas e Oliveira Martins são ilucidativos a esse respeito. Dinastia de broncos, tarados, mentecaptos e fanatisados, quasi sempre pela intolerância quer religiosa, quer política e nem pela inteligência nem pela cultura fizeram qualquer acto de que nos possamos orgulhar.

Por isso a monarquia caiu deshonrada, infamada, como deshonrados e infamados caíram a dinastia e o regime. Os últimos Braganças trataram apenas de comer e por isso dizia Junqueiro:

“A monarquia não é um ideal, é uma questão de comer; os monárquicos não cabem todos na mesma sala de jantar.”

Faliu a monarquia porque não tinha mais razão de ser, porque era impopular, porque o povo não a suportava mais. E a República é e será indestrutível porque foi feita pelo povo que a defende e por ela dará a sua vida!

C. P.

De “O Povo.”

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Temos tido ocasião de verificar que, pelo menos em Guimarães, nada se faz nem nada se consegue sem a protecção dos adversários da República.

São eles os senhores de tudo isto, e assim vamos continuando debaixo da tutela dos maiores inimigos do regime! A demonstração das nossas afirmações está na realidade dos factos, e são eles, os tais amigos (aqui não fica mal o termo “amigos de Peniche,,) da ditadura, os próprios a confirmar a veracidade do que dizemos. Nós, os republicanos, que temos sempre as maiores dificuldades em conseguirmos o que é de Justiça, porque outra coisa não pretendemos, estamos num plano de muita inferioridade, relativamente aos monárquicos.

Alguns casos se têm dado, e isto também não falha, de alguns republicanos (pelo menos dizem sê-lo) terem recorrido a adversários seus, afim de serem atendidos nas suas pretensões. Nós, que não temos esse feitio, nem mesmo nos sujeitamos a tão degradante espectáculo, lamentamos que num país republicano impere o predomínio monárquico!

A tal respeito, devemos declarar nas colunas deste Jornal — que é pela Pátria e pela República, que censuramos os republicanos que assim procedem, isto é, aqueles que vão ao beija-mão dos inimigos da República. Os republicanos, todos quantos o são de alma e coração, e portanto incapazes de traiçarem os seus princípios, devem conservar-se no seu campo de honra e lealdade, respeitando as benesses daquêles que, fazendo como o crocodilo, pretendem atraí-los e iludi-los. Eles querem desconjuntar a família republicana, e por isso, é necessário que todos os republicanos se compenetrem do seu dever, interessando-se unicamente pela prosperidade da Pátria e da República. Pedir — ou mesmo aproveitar — os favores daquêles que pretendem destruir a República, é um crime.

Aguardamos, serenos, a hora de nos fazerem justiça, que ela chegará.

Tenente Carlos Coelho

De Kibala, Angola, para onde tinha sido deportado por motivo da revolta militar de Fevereiro de 1927, regressou a esta cidade este nosso presado amigo e indefectível republicano, antigo oficial do Regimento de Infantaria n.º 20. As nossas saudações.

É interessante, — e sumamente sugestivo, — este titulo.

Se tentássemos, com alguma paciência, decifrar esta mascara, iríamos muito longe, e, desde que a desafivelássemos aos meninos que com ela se disfarçam na imprensa, teríamos feito um grande bem a um certo número de leitores enormemente iludidos.

Um “Conquistador” tem muito que se lhe diga...

Mesmo deixando de apreciar os conquistadores sôb aquêlre atrevido e sensual aspecto que provocou a indulgência da princesa Livia, — indulgência que os furtou a uma sentença judicial condenatória, — os conquistadores são sempre menos para temer do que para profligar!

Um conquistador está sempre em plena conspiração, num espirito irrequieto de sectarismo, numa indomável ância de egoismo pessoal e coléctivo, num sufocado ou até desabrido pé-de-guerra contra todos os mais pacíficos cidadãos que, por ventura, ainda não pertençam, ou ao seu vampirismo sensual de eróticos conquistadores, ou à sua ignóbil facção tradicionalista de seita religiosa, ou de política vésga, inquisitorial, monárquico-despótica, clérigo-aristocrática, jesuítico-monástica e católico-romana, que é tudo a mesma política, a confundir-se com a religião que adotam, visto ser sempre esta que orienta e polarisa os seus possessos na sua facção partidária...

«Possessos», sim! *Transeat terminus.*

Um “conquistador” é terrível! perigoso! turbulento! temerário! derrespeitador da força do direito! e mantenedor do direito da força! capaz de tomar milhares de mulheres ou de homens por tentos de jôgo, e de tomar também a Terra inteira por tapete verde da sua infeliz jogatina!

Vade retro com os enxecrandos “conquistadores”, — que não são êstes os que empunharam a dura clava de Afonso Henriques para fundar uma Pátria, nem soltaram a formidável torrente de eloquência de Afonso Costa para propagar e ajudar a estabelecer um regimen novo, de Liberdade e de Progresso!

Para isso nem tinham coragem, nem possuem competência.

Que conquistadores, pois, são êstes loucos que constantemente nos arreganham os afiados colmillos, e que se julgam inconscientemente os únicos e imortais vencedores, quando, afinal, — conquistadores de lata, — não vêem, sequer, que não fazem mais do que estender, por onde passam, uma débil teia de aranha que, cêdo ou tarde, sujeita a mil circunstâncias, será rasgada pelas dominadoras azas do tempo!...

E quando, por extrema fatalidade, as vossas conquistas conseguissem cicatrizar em falso, —

mercê da acção charlatânica e curandeira da vossa petulância, — terieis de arrepiar caminho desordenadamente, porque é cruel e fatal a pena de Talião: o conquistador começa por prejudicar os estranhos, até que lhe sobrevenha, como um castigo natural, a sua própria ruína!

Causa-nos dó que eles se não conheçam e ultrapassem a acanhada esfera propria, fazendo uma tão lamentável e tão triste figura!

Deviam aplicar-se, avaramente, a si próprios, aquelas palavras do oráculo de Delphos, gravadas no frontispício do Templo do Apolo: *Nosce te ipsum...*

Mas não!

Alárves até ao inauditismo do excentrico, e pouco observadores da lei que lhes ordena respeito e delicadeza para com o pensar alheio, arrojam-se a apodarem de blasfemos e de herejes quantos não pensam como eles!!

Blasfêmia e heresia são dois termos de uso caseiro, em giro sômente a dentro da sua grei. Fora dela, não têm curso. E nós somos tão desventurados e tão miseráveis de vocábulos, que, para os classificarmos, a eles!, do mesmo crime, isto é, do crime de não pensarem como nós, terieámos exactamente de lhes chamarmos a mesma coisa: «Herejes!» «Blasfemos!»

De que *magnum lexicon*, de terminologia satírica e ex-comungante, eles dispõem, tão copioso e... tão próprio deles!!

Filha da sua maldade insanável, insofrida e eterna, a sua linguagem é ubérrima em destruidores e incenerantes termos! Linguagem infernal, a destes arautos da religião, que bem pucham ao respectivo carro *triumfal* fardados de palafreiros!...

Mas... Filha vamos longe, e, por hoje, fechamos a discussão.

E' livre o pensar de cada um, e as religiões são a boa filosofia de cada Povo.

Cada qual adota a que quer, livremente...

Não combatemos a religião de ninguém, e a Terra seria um paraíso, se qualquer religião fôsse bem cumprida e bem executada...

E' o que se me oferece afirmar-vos, ó conquistadores idiotas e ignorantes!

E' crêde no que vos dizemos, ao terminar:

Para vós a religião e a politica não são senão as duas grandes árvores, a cuja sombra vos acolheis, comeseinha e descansadamente, passando a abandoná-las com precepitação quando o aureo e benfazejo sol desaparece e o aguaceiro cai desabrida, copiosa, e cruélmente!

Mas, por enquanto, é fartar vilanagem!!

Suo tempore... BISTURI.

A CASA DOS CAIXEIROS "Prove!, PELA INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

E OS SEUS ASSOCIADOS IRRADIADOS

11

Em a «Velha Guarda» de 21 de Outubro, passado, vem uma local com várias referências a Associação de Classe dos Empregados do Comércio, desta cidade, que, não pode passar despercebida ao autor destas linhas, dada a cota parte nas responsabilidades do mesmo na origem dos acontecimentos de há dois anos, a quando do acto eleitoral da mesma colectividade.

O articulista depois de se referir e, muito justamente, aos Fundadores da Associação, diz:

«Feito isto, impunha-se aos continuadores dessa obra grandiosa a obrigação de dar realidade ao que os «veteranos» silogisaram numa hora feliz, tornar cada vez mais firmes, inabaláveis e proficuas as ideias que nortearam o gesto e cumprir integralmente a doutrina dos Estatutos.

Porém, com tristeza o constatamos, a união desfez-se e o bloco indutível desagregou-se.

Há na classe dos Empregados do Comércio uma parte de descontentes que não usufruem as regalias da maioria por lamentável erro que foi a exaltação dum momento».

Não conhecemos o autor do artigo em questão mas, não duvidamos dos nobres sentimentos que o animaram ao escrever as palavras que deixamos transcritas. Porisso, vamos dizer-lhe:

Os empregados no Comércio que hoje se encontram irradiados da sua Casa devido à tal «exaltação dum momento», no uzo dum direito que as leis e estatutos lhe conferem, resolveram, com o apoio unânime da classe, concorrer com uma lista às eleições associativas de 1926. Era a alma da mocidade em toda a sua pujança a abrir as suas azas para os grandes cometimentos; dos seus bons propósitos ninguém de bom senso podia duvidar.

E o que sucedeu? Não viemos à liça para despertar ódios adormecidos e, porisso, deixamos os comentários à consciência de cada um. O que podemos afirmar e bem alto, é que os nossos sentimentos foram deturpados e o nosso gesto compreendido como um acto de sovietismo...

Todos os meios serviram para menos prezar o nosso amor pela casa que era tão nossa e não obstante apontarem-nos, as cara-

binas da Guarda Republicana, o epílogo foi a irradiação pura e simples.

Não nos calamos. O nosso brado, irmão do nosso protesto, subira bem alto, tão alto, que tivemos a suprema consolação de vêr vir a nosso lado um grande número de descontentes.

*

Mas o bloco não se «desagregou» apenas se dividiu em dois. Ainda hoje somos uma avalanche que muito prezamos a Associação de onde fomos escorraçados e embora afastados dela, alegrá-nos o seu progresso e a sua vitalidade, para a qual não duvidamos concorrer, se três anos foram o bastante para aplacar insídias e extreminar antigas rixas.

Não duvidamos pois, em voltar à casa de onde nunca saímos, mas sim de onde o arbitrio nos irradiou.

Mas não esqueçam aquêles que hão-de receber-nos que, não somos um rebanho a obedecer ao primeiro potentado, como não estamos dispostos a suportar tôdas as tropelias e *personalismos*, predicados êstes tão funestos à vida dum Associação.

Queremos a ventura da nossa casa, queremos afirmar bem alto e por todos os meios o nosso amor à colectividade e, queremos ainda que o nosso valor seja reconhecido, para que lá dentro deixem de existir *filhos bastardos*...

Um irradiado.

NOTA:

Para avaliar a linha de conduta dos irradiados e ainda da sua indutível união é reparar:

Todos os anos tem solenizado e com brilho o aniversário do seu movimento associativo, festas a que a imprensa se tem referido com o maior carinho.

Tendo falecido a 24 de Dezembro do ano transacto o nosso saudoso camarada Gaspar Ribeiro dos Santos, os seus companheiros de luta mandaram celebrar uma missa em sufrágio da sua alma e foram em piedosa romagem junto do seu túmulo, cobrindo-o de flores e onde dois nossos camaradas enalteceram as qualidades que exornaram o companheiro querido.

Que «O Conquistador», prove, para fins ilucidativos, que a «Liga de Defesa da República», não é formada por **todos os republicanos** que *leal e intransigentemente* defendem o regime republicano.

*

«...Texto ou sentido?»

O nosso colega «O Conquistador», luta com dificuldades para acertar; não sabe se deve fazer fé pelo texto se pelo sentido, do que dissemos, no n.º 203 deste jornal, relativamente, aos *tais crimes de lesa-Pátria*. Lamentamos que não esteja habilitado a compreender aquilo a que é obrigado qualquer aluno da Instrução Primaria Elementar. Nós, colega estamos habituados a respeitar os mais humildes, e até os próprios ignorantes, quando **êstes ignoram** que o são, mas não nos merece este respeito aqueles que pretendem imitar a célebre rã, que, cheia de orgulho e de vaidade, pensou em ser do tamanho dum boi...

Quanto aos primeiros, nunca teremos **falta de espaço** para lhes responder; quanto aos segundos, seguiremos o adágio antigo — não vale apena gastar cera com ruins defuntos.

Bombeiros Voluntários

Realisa-se no proximo dia 8 de Dezembro a inauguração oficial da parada e Casa Escola desta simpática e humanitaria Corporação, sendo também descerrado nesse dia um busto em bronze do seu ilustre 1.º Comandante, Ex.º Sr. Simão da Costa Guimarães, a quem a prestante colectividade muito deve em benefícios morais e materiais, o qual é oferecido pelo Corpo Activo.

O render da guarda

No acto da posse do novo Ministério, um dos senhores ministros, que deixou de fazer parte do novo Governo, preferiu, segundo a narrativa dos Jornais, a seguinte frase: «o que se deu não foi uma crise ministerial, foi apenas o render da guarda».

Ficamos, pois, a saber que somente foram substituídas as *simples praças*.

Tambem nos parecia que havia *falha de cabos*...

DOENTES

Tem guardado o leito, os nossos presadíssimos amigos e intransigentes republicanos Ex.ºs Srs. Dr. Henrique d'Oliveira e Sá, professor do Liceu; Heitor Campos, agente do Banco de Portugal; Porfirio Mendes Ribeiro Guimarães, importante industrial e Alcindo Dias Pereira, abastado proprietário e editor deste jornal. Desejamos o pronto restabelecimento.

Nesta secção não haverá sub-títulos.

O rótulo é — Instrução e Educação — e daqui não sairemos.

Apresentamo-nos como professor primário; e nessa qualidade assentemos: a nossa religião é a da Pátria; a nossa política, a da Escola Popular.

Como cidadão, a nossa crença — que a temos — fica em silencio e só a declinaremos a quem reconhecamos autoridade para no-la fortalecer de cada vez mais.

Antes de avançarmos no que nos propoemos, trataremos de nós próprio, referindo nos à nossa missão.

Bem cheia de dificuldades e ericada de espinhos é ela.

A pedagogia primária é mais complexa que a dos outros graus de ensino.

Não custa compreender que há mais dificuldades em ensinar uma criança que um homem já dotado de uma educação apropriada; nada repugna aceitar que é mais fácil a um professor de ensino secundário ensinar geografia, línguas, sciências fisico-químicas e naturais, moral, economia, direito e história que a um professor primário elementar ministrar noção sobre a corografia de Portugal e Colónias, a moral, a história pátria, a lingua nacional e as sciências naturais. O ensino às crianças de 7 a 12 anos joga com uma pedagogia tão complexa e difícil que só uma preparação muito cuidada, uma longa prática e uma grande intuição tornarão fecunda e proveitosa.

E' realmente tremenda a responsabilidade que faz pesar sobre si o homem ou mulher que abraça o sagrado múnus da instrução educativa dessas tenras vergontas que são as criancinhas.

E' condição essencial para que o seu esforço frutifique e a sua obra resulte apropriada às necessidades da vida social que os professores assistam com método, dedicação e tranquilidade à educação dos seus alunos para lhes formarem o caracter e a intelligencia, tornando-os em homens sãos e honestos e em hábeis trabalhadores do futuro.

O professorado primário possui numa grande maioria a alta compreensão da sua missão so-

cial, visto como se tem empenhado em integrar-se no espirito moderno, segundo o qual deve educar as gerações novas.

E nem sequer se compreendia ela, se não soubessemos para onde tende a civilização e o homem de hoje.

De resto a educação do homem contemporâneo ficaria deslocada da época e desapropiciada á realização das suas aspirações.

Do que o professor precisa é de actuar num condicionalismo que lhe permita que os impulsos da intelligencia, a dedicação de sentimentos e a força de vontade não sejam atrofiadas por qualquer cesarismo ou por uma centralização burocrática exagerada.

Amas as criancinhas e pela linguagem do coração lhes vai incutindo ideias nobres para a formação da intelligencia e do character.

Continuaremos.

Guimarães, 19-11-1928.

J. T. B.

*

Registo do Professor Primário

SAIBAM QUANTOS...

Que «as Câmaras de Beja e Sintra, sacudindo considerações balofas e olhando para o sentimento, para o coração, aumentaram consideravelmente as rendas de casas aos professores, dando-lhes de 150000 por mês até verbas condizentes aos meios pequenos».

Porque não olham os professores para isto e reclamam das suas câmaras regalias harmónicas com as localidades? «Da Educação Nacional».

Compreende-se, porventura, que os professores estejam a pagar entre 100000 e 500000 escudos pela renda de casa e recebam entre 2008 e 10000 escudos por mês?

Isto é absolutamente inacreditável; é indispensável que este crime não persista mais!

Ao de leve

Diz-se por aí que o regulamento das farmácias, se assim é que lhe chamam, é letra morta e que os senhores farmaceuticos fazem tudo o que acham conveniente aos seus interesses, sem se importarem com as disposições legais.

Parece que não está certa esta atitude. Os serviços de farmácia colidem com a saúde pública; há disposições taxativas que devem ser observadas; e é para lamentar que não se exerça a necessária fiscalização, chamando cada um ao cumprimento dos seus deveres.

*

Apezar de atravessarmos hora perigosa para a República ha ainda republicanos de vários partidos que se preocupam com factos de mesquinha importância, e passam o seu tempo exercendo nefasta crítica e criando, insensivelmente, ou propositalmente, uma atmosfera de desconfianças, de incertezas, de irreductibilidades, de afastamento, cujas conseqüências são simplesmente terríveis.

O momento é de sacrificio, é de união, é de trabalho e parece

que o menor raciocinio deveria indicar a cada um, um caminho de trabalho honesto, lial, dedicado, abstraindo de pretensão poderio, de orgulhoso dominio, de insatisfeitas ambições. Acima de tudo e antes de tudo, hoje e sempre a República.

Necrologia

Com a idade de 60 anos faleceu no passado dia 11, na Quinta de Mide, a chorada esposa do nosso presado amigo Sr. Henrique de Araujo e mãe do nosso estimado correligionario Joaquim de Araujo Ferreira, proprietario, da freguesia de Lordelo.

O seu funeral que constituiu uma eloquente manifestação de pesar, realizou-se pelas 9 horas do dia 12, o qual pela sua concorrência bem demonstrou quanto aqueles nossos amigos são estimados e quão bondosa era a finada.

Enviamos sentidos pesames a desolada familia.

Despedida

O abaixo assinado, tendo sido, pela recente reforma do inspectorado primário, promovido a inspector-chefe e colocado na Região Escolar de Bragança, — por lhe ser impossível despedir-se pessoalmente dos Srs. Professores e de todas as pessoas que nesta cidade e concelho o honram com a sua amizade e estima, — vem fazê-lo por este meio, protestando a todos a sua gratidão, e oferecendo-lhes o seu limitado préstimo em Bragança.

Declara que se ausenta com saúde de todos os amigos e desta boa terra de Guimarães, onde fica residindo sua familia.

Guimarães, 10 de Novembro de 1928.

Manuel A. Ribeiro de Miranda.

*

Necrologia

Apoz prolongados sofrimentos faleceu há dias a Ex.ª Senhora D. Maria das Dores Teixeira de Carvalho, filha do industrial de cortumes, Sr. José Teixeira de Carvalho. O funeral, realizado na igreja de S. Francisco, teve larga e selecta assistencia.

Faleceu há dias, apoz muitos mezes de sofrimento, o Sr. José de Sousa Passos, industrial desta cidade.

O seu funeral realizado na igreja de S. Francisco, teve a assistencia de numerosas pessoas em destaque no nosso meio.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pesames.

"O POVO"

Sob a direcção do distinto jornalista Sr. Mário Salgueiro, reapareceu este brilhante diário re-